

FCPF MAGAZINE

NÚMERO 126



ENTREVISTA A
JOÃO PINTO

MERCADO DE INVERNO
FUTEBOL FEMININO



ESTE ESPAÇO PODE SER SEU!

Contacte-nos através do email
marketing@fcpf.pt





EDITORIAL

Por Paulo Gonçalves

Dobrada a primeira volta do campeonato, não se pode dizer que o FC Paços de Ferreira esteja dentro das expectativas iniciais da temporada, mas também não está longe das expectativas pontuais que teríamos para a 1ª volta. A conjuntura dos últimos tempos trouxe-nos à realidade de sermos comédidos na ambição e mais determinados na abordagem da luta “jogo-a-jogo”.

Os 19 pontos somados até ao momento deixam-nos na parte de baixo da classificação, mas perfeitamente integrados na luta constante que muitas equipas terão até ao final da prova para garantir a permanência. A II Liga está um campeonato muito equilibrado, onde equipas com grandes orçamentos se debatem com as mesmas dificuldades pontuais que equipas de bolso apertado.

Após três jogos de bom nível, a derrota em Vizela na jornada passada esfriou um pouco o ânimo pacense, mas temos que a encarar como aceitável, porque o adversário conseguiu ser superior na última parte do jogo. Uma jornada ultrapassada e que nos traz hoje à Mata Real com o pensamento na recuperação do “andamento” que a equipa demonstrou antes da viragem de calendário.

Queremos hoje, frente ao Académico de Viseu, o Paços unido do Feirense, o Paços atacante do Farense e o Paços ambicioso de Penafiel. Se os atletas colocarem em campo estas virtudes, certamente que no final haverá sorrisos de felicidade. E que importante é esta partida, frente a uma das equipas que mais apostou financeiramente na subida de divisão. Suportem-se do jogo épico da época passada, que ainda está na nossa

mente, em que recuperamos de duas desvantagens no marcador para garantir nos minutos finais um triunfo por 4-3. Curiosamente, também numa noite fria de janeiro, mas com um jogo que nos aqueceu a alma.

O entrevistado de hoje é o jovem João Pinto. Um médio que tem vindo a afirmar-se na equipa e que há duas jornadas nos presenteou com um belo golo no triunfo em Penafiel. Um bom momento pessoal que quer juntar ao coletivo. “Estamos muito otimistas para o que aí vem. Vai ser uma segunda volta em que vamos mostrar que o Paços de Ferreira é mais do que de Segunda Liga”.

Janeiro é um mês de transferências e o plantel do FC Paços de Ferreira já sofreu alguns reajustes. A saída de Costinha deixa-nos saudades, por se tratar de um jogador de nível elevado e, sobretudo, porque como pessoa criou uma grande empatia no grupo e nos próprios adeptos. Que tenha sucesso por onde a sua carreira fluir.

A saída foi colmatada com a entrada de Miguel Falé, que já jogou em Vizela, e também do ponta-de-lança Iuri Moreira. São reajustes naturais e que irão acontecer até 31 deste mês.

O futebol feminino também merece a nossa atenção. Não só pelo forte crescimento que tem tido no clube, mas também porque os resultados começam a aparecer. A equipa sénior feminina conseguiu o apuramento para a fase de subida à 3ª divisão, um feito interessante para um grupo tão jovem e com muito futuro.

Força Paços!

FCPF MAGAZINE

NÚMERO 126 - Janeiro 2026

Textos e Design: Sara Alves e Wevolved | Fotos: Telmo Mendes e Luís Vilela

Impressão: PaçoPrint | Tiragem: 1000 exemplares | Distribuição Gratuita

**“SOU MUITO AGRADECIDO
PELA OPORTUNIDADE QUE
O CLUBE ME DEU”**

JOÃO PINTO



2 joma

No início de fevereiro, João Pinto completa um ano ao serviço do FC Paços de Ferreira. Numa altura em que atravessa o seu melhor período na Mata Real – tendo sido titular nos últimos quatro jogos e marcado um golo diante do FC Penafiel – o camisola 13 dos «Castores» faz o balanço desta passagem pela Capital do Móvel e recorda o trajeto que o trouxe até aqui. Sendo que tudo começou com os «treinos» dados pelo avô...

A equipa estava com uma série positiva de três jogos a pontuar até ao «golpe» em Vizela. Como é que o grupo lidou com isso e preparou o jogo desta semana?

Sabemos que vai haver sempre jogos difíceis, independentemente da jornada, sendo certo que vamos dar sempre o nosso melhor e jogar olhos nos jogos contra qualquer equipa. Há jogos que vamos ganhar; noutros, infelizmente, o adversário vai sair por cima, mas seja como for vamo-nos focar sempre no nosso trabalho e naquilo que podemos controlar. E quando não ganharmos, sabemos que temos de trabalhar no máximo para reverter a situação logo na jornada seguinte. Assim aconteceu depois da derrota com o Lourosa, e assim queremos que aconteça esta sexta-feira.

Houve muitas mudanças com a entrada da nova equipa técnica; a equipa está diferente. Que análise fazes dessa adaptação às ideias do mister Nuno Braga?

É normal que a primeira semana tenha sido mais complicada, porque a tática mudou, as ideias mudaram, e a adaptação leva o seu tempo. Por exemplo, nós jogávamos com uma defesa a cinco e agora jogamos a quatro – a nível tático, é algo

completamente diferente. Mas a partir do momento em que as coisas se começaram a encaixar e a ficar mais confortáveis para nós, notou-se, realmente, um maior aproveitamento de oportunidades. As coisas começaram a acontecer mais naturalmente e os resultados a aparecer de forma positiva, então acho que este é o caminho certo.

Em que ponto se encontra o grupo neste momento?

Como é óbvio, não gostamos de perder nem a feijões, e acabamos por sentir um pouco o jogo com o Vizela. Mas o grupo é muito unido e o resultado não nos abalou. Aliás, estreitou mais as ligações. Estamos a trabalhar mais, mais unidos do que nunca, para dar a volta.

Em fevereiro, completas um ano de Paços. Qual é o balanço desta experiência?

Tem sido ótima. É verdade que o Paços atravessa um período difícil, não é segredo, mas sou muito agradecido pela oportunidade que o clube me deu. Tenho a noção de que o Paços não pertence à Segunda Liga. O Paços é de Primeira; é um clube que luta sempre para ganhar, independentemente do adversário. Estou muito agradecido por fazer parte disto e trabalho todos os dias para conseguir retribuir a oportunidade que me foi dada – tal como todo o grupo. Abstraímos-nos do que não controlamos e trabalhamos a cada treino e a cada jogo para estarmos no nosso melhor e conseguirmos dar a volta à situação, juntamente com os adeptos que tanto nos ajudam.

A tua estreia foi mais tardia, devido a uma lesão. Como é que foi lidar com isso e com a mudança ao mesmo tempo?

Não foi fácil. A verdade é que foi uma lesão que levou o meu tempo a recuperar – foram três meses. Naquela altura, sabia que as coisas com o Paços estavam 99% acertadas; aquele seria o meu último jogo pelo Gil Vicente, e no momento da lesão veio-me tudo à cabeça. É sempre complicado, porque comesas a pôr muitos pontos de interrogação. Mas as coisas aconteceram. Assim que cheguei, continuei com o tratamento e a reabilitação no ginásio para recuperar da melhor forma, e consegui. Agradeço muito ao departamento médico, que foi sempre impecável comigo. Felizmente, tenho também uma base familiar muito forte e amigos que nunca me deixaram cair e agradeço-lhes muito por isso. Fomos avançando aos poucos, passo a passo, e a ideia era focar nas pequenas vitórias – “Ok, já consigo fazer aquilo. Também já consigo fazer isto”. A partir do momento em que estás mais focado na tua recuperação, e deixas os problemas e o que te assombra de lado, tudo começa a acontecer. Agora estou câ, estou feliz e sempre com muita vontade de trabalhar.

E houve receios depois da paragem?

Sim, porque só tu sabes o que passaste e as dificuldades que enfrentaste. Tens receio de que aconteça de novo, mas tens de te abstrair – porque, no fundo, estás sempre sujeito a isso, não é verdade?

O futebol está cada vez mais intenso, há cada vez mais jogadores com muita força e com muita intensidade. O futebol mudou. E não podemos ter medo de meter o pé, de fazer um carrinho se for preciso, e é nisso que me tenho focado. Temos de pôr os receios de lado e ir a cada jogada como se fosse a última.

É no penúltimo jogo da época passada [no Restelo], o primeiro do play-off de manutenção, que marcas o primeiro golo pelo Paços. Golo esse que se revelou extremamente importante.

Nós tivemos um jogo difícil. Estava a ser um jogo complicado da nossa parte, estávamos a ter dificuldades em criar oportunidades. Sabemos que, principalmente nestas situações, todos os golos importam, e eu fiquei mesmo muito contente por ter conseguido ajudar. É fácil dizer “Eu quero ajudar”, mas é mesmo gratificante saber que estou de facto a ajudar; que estou a aplicar aquilo que digo, e a transformar as oportunidades em golos.

**“ TEMOS DE PÔR OS
RECEIOS DE LADO E IR
A CADA JOGADA COMO
SE FOSSE A ÚLTIMA.”**

JOÃO PINTO



Depois de uma época tão agitada, com emoções à flor da pele, como é que se reage ao apito final?

Foi emocionante. O clube depois publicou um vídeo que nos emocionou a todos – e quem não esteve presente consegue perceber através dele exatamente a emoção que todos nós sentimos. Sabemos que não queríamos estar a lutar por uma manutenção e sim por uma subida, mas também é importante perceber a situação em que estamos de momento. E saber que o nosso objetivo da manutenção foi conseguido foi muito gratificante, porque foram momentos muito difíceis e de muitas dúvidas à nossa volta. Sentimos isso, e é ótimo saber que demos à volta e correu bem.

E com os adeptos muito presentes.

Sem dúvida. Sabemos que os adeptos do Paços são muito exigentes e estão habituados a uma outra realidade. Mas também é certo que, quando nós mais precisamos, eles estiveram lá. Encheram a parte que lhes estava destinada no Restelo, encheram o nosso estádio... Ficamos muito agradecidos.

O plantel passou por muitas mudanças da última temporada para esta. Quem ficou conseguiu fazer o «reset»? Quem chegou ajudou nisso também?

A época passada foi muito intensa, não só a nível físico, mas também mental. As férias fizeram-nos muito bem, porque conseguimos abstrair-nos da luta e do trabalho diário, e começar julho com o mister Filipe Cândido, que transitou connosco, ajudou-nos também. Depois, os colegas que chegaram acabaram por trazer outra energia. Quando chegas a um clube novo, queres sempre mostrar o teu valor e afirmar-te, para que o mister aposte em ti. Eles chegaram com essa atitude e com vontade de ajudar a dar a volta à situação.

Este ano tens já 13 jogos, um golo marcado e foste titular nas últimas quatro jornadas. Como é que te tens sentido?

Bem. Voltei à minha posição natural, digamos. É verdade que jogo a extremo também, mas médio é a minha posição natural, então sinto-me mais à vontade e, felizmente, já ajudei com um golo em Penafiel. Espero que assim continue, não só em termos de titularidade, como também transformando isso em golos e assistências.

Há mais confiança naquilo que pode ser feito comparativamente à temporada anterior?

Sim, nós estamos muito otimistas. A verdade é que, tirando este jogo com o Vizela, que foi menos conseguido da nossa parte, temos um registo muito positivo – empatamos com o Farense e vencemos o Feirense e o Penafiel. Estamos muito otimistas para o que aí vem. Vai ser uma segunda volta em que vamos mostrar que o Paços de Ferreira é mais do que de Segunda Liga.

E neste início da segunda volta, as equipas ainda estão todas muito próximas. A cada jornada, muita coisa muda.

Confesso que não gosto muito de ir vendo as classificações. Gosto de ver com quem vou jogar, gosto de analisar a equipa, mas não gosto de ver a classificação, porque a verdade é que nada acrescenta. Devemos, sim, estar focados em quem é o adversário, na forma que joga e em como é que o vamos contrariar. E no final fazem-se as contas.

Vamos agora falar um pouco do teu percurso até aqui. Recuamos até à infância...

Tive uma infância muito feliz, sem grandes problemas. Como disse, tenho uma base familiar que sempre me apoiou, não só a nível futebolístico como pessoal. Quando tenho algum problema ou preciso de alguma coisa, sei que posso contar com eles. Mesmo a nível de amizades – nunca fui de ter muitas amizades, mas zelo muito por escolher os amigos que andam à minha volta, para que eu saiba que se precisar de algo ou eles precisarem, eles vão estar lá para mim e eu para eles.

E a escola?

Fui sempre bom aluno, com boas notas. Não era nada «baldas» nem rebelde. [Risos] A minha mãe também é professora e ajudou-me muito a focar-me no que realmente importa. Sempre me concentrei no futebol como o Plano A, mas nunca descurei a escola, e cheguei mesmo a entrar na FADEUP. Acabei por ter de congelar a matrícula, mas sei que tenho sempre um Plano B e estou preparado para qualquer que seja a situação.

Gostavas de voltar à faculdade depois da carreira como futebolista?

Por acaso, agora em abril vou começar o curso de Scouting da Liga Portugal Business School. Na minha opinião, não devemos estar focados só numa coisa. Devemo-nos preparar para o futuro e cultivarmo-nos como pessoas, porque, por vezes, quando menos esperamos podemos enfrentar algum problema ou uma nova realidade. Então esta é uma forma de estarmos mais preparados para o que formos enfrentar.

A área do Scouting é a que mais te cativa?

Estou a tentar ir buscar um bocadinho de cada coisa. Não tenho nada específico em mente. Gosto de me manter ocupado, não gosto de ter muito tempo livre. Gosto de ocupar o tempo com coisas que realmente importam, cultivar-me e preparar-me para o futuro, em vez de estar só a jogar videojogos ou a ver vídeos no TikTok. [Risos] É mais vantajoso para mim.

Voltando atrás: o futebol surgiu por influência de alguém ou foi uma vontade tua?

Foi uma vontade minha. Aliás, lembro-me muitas vezes de estar a falar com o meu avô – que eu digo sempre que foi o meu primeiro treinador – e de lhe estar a pedir para irmos jogar à bola. E lá me dizia “Agora recebe com o peito. Agora chuta com este pé”. Portanto, não foi uma coisa que me foi imposta; foi algo que tive vontade de fazer. Tive sempre muito prazer em jogar futebol.

Começaste, então, no Gondomar.

Sim, com cerca de cinco anos. Quem é de Gondomar sabe que as piscinas municipais são à beira do estádio do Gondomar. E eu andava lá nas piscinas, então lembro-me de sair e ir ver os miúdos a jogar – sempre tive muito gosto, não só de jogar como de ver os outros a jogar. Depois chegava a casa e implorava aos meus pais para me inscreverem no futebol, prometendo que me ia portar bem na escola. [Risos] Acredito que é muito vantajoso inscrever os filhos numa atividade desportiva, porque ajudam a relacionarem-se e a interagirem com outras pessoas; a jogarem em equipa e não só individualmente. Os meus pais acharam o mesmo e inscreveram-me no Gondomar. Deixei a piscina e fui para o futebol.

Quando é que surge a mudança para o Porto?

Aos 12 anos. Viram uns jogos meus, gostaram de mim e deram-me a oportunidade. Fiz praticamente toda a formação lá. Foi uma grande mudança, e não só a nível futebolístico. Tive de deixar a minha escola em Rio Tinto e de me mudar para o Porto, para uma escola que tinha parceria com o clube, devido aos horários; deixei os meus amigos... Mas a partir do momento em que tens um objetivo – e o meu objetivo era ser jogador de futebol –, os problemas deixam de ser problemas. Damos sempre a volta.

Foi no Porto que surgiu a primeira chamada aos escalões de base da seleção nacional?

Sim, nos Sub-18. Infelizmente, depois surgiu o COVID e deixei de ter essa oportunidade, mas, sim, cheguei a ser chamado e fiquei muito contente. Lembro-me da primeira: estava em casa, a estudar matemática, e os meus pais viram primeiro do que eu e entraram pelo meu quarto, super contentes. Fizemos a festa! Foi uma felicidade muito grande.

Seguiu-se o Vitória. Como encaraste essa mudança no último ano de formação?

O Vitória era um clube que me procurava já há algum tempo, e às vezes temos de tomar a decisão difícil de deixar um sítio para sermos mais felizes noutro. Foi por aí. Eles já me queriam há algum tempo e achei que faria sentido. No ano seguinte [2021/2022] passo para os Sub-23, mas depois disso o Vitória acabou com a equipa Sub-23 e acabei por não cumprir o resto do contrato. O projeto não era o melhor, e, lá está, não devemos ter medo daquilo que vai acontecer e devemos sempre olhar com positividade para o que vier. Fiz alguns testes e fui para o Valadares Gaia, do Campeonato de Portugal. Foi um ano ótimo, porque aí sim, senti que dei o salto – profissionalmente e pessoalmente. Afinal, os meus colegas de equipa já eram pais de família; tinham outros problemas que não ir à escola. Foi um ano muito positivo nesse sentido.



“AGORA ESTOU CÁ, ESTOU FELIZ E SEMPRE COM MUITA VONTADE DE TRABALHAR.” JOÃO PINTO

Houve algum choque na adaptação a um campeonato sénior?

Não senti, por acaso. Também foi num sítio em que o treinador queria apostar em mim, por isso senti sempre que as coisas iam correr bem. Sou uma pessoa que lida bem com a pressão. Não fico stressado, nem tenho medo da mudança.

Chegas ao Gil Vicente em 2023/2024.

Quando acabei o ano em Valadares, tinha a oportunidade de continuar no Campeonato de Portugal, mas senti que ir para o Gil Vicente seria a melhor opção, porque os Sub-23 estão a um passo da Primeira Liga e da equipa principal – coisa que acabou por se confirmar um ano mais tarde.

O primeiro ano de Sub-23 correu-me muito bem. Ia regularmente treinar à equipa A, mas não estava inscrito. No ano a seguir, em 2024/2025, é que já fiz a pré-época com a equipa A – e quando não jogava, ia aos Sub-23. Estreei-me logo na primeira jornada, ainda estive no banco mais um ou dois jogos, e depois cumpri até janeiro nos Sub-23, antes de vir para cá.

A proposta do Paços chegou na altura certa?

Apesar de ter outras opções, achei sempre que o Paços seria um desafio interessante. Toda a gente sabe da situação atual, mas o Paços é um clube muito grande em Portugal, e não há como dizer o contrário. Achei que seria uma equipa que me iria dar a oportunidade para demonstrar o meu futebol, e sempre tive muita vontade de chegar e de fazer a diferença.

Como gostarias de marcar a tua passagem por aqui?

Quero que as pessoas se lembrem de mim como alguém que deu sempre tudo pelo clube; alguém que nunca virou a cara à luta, e que foi mais um que realmente ajudou o Paços.



CAMISOLAS OFICIAIS

NOVOS PREÇOS

À venda na Loja do Castor e em www.fcpf.pt

CRIANÇA

Antes 39.90€

29.90€

ADULTO

Antes 49.90€

39.90€

MERCADO DE INVERNO: AS MOVIMENTAÇÕES ATÉ AO MOMENTO

Em janeiro, as portas do Estádio Capital do Móvel voltam a abrir-se devido às movimentações do mercado de transferências. Sendo esta uma altura em que os clubes aproveitam para reforçar posições nos seus plantéis ou para acautelar possíveis saídas, também o FC Paços de Ferreira já registou algumas mudanças.

>> MIGUEL FALÉ



Miguel Falé foi o primeiro reforço confirmado pelo FC Paços de Ferreira neste mercado de inverno. O atleta chega proveniente do Panserraikos, que milita na primeira divisão de futebol na Grécia.

A sua formação dividiu-se entre SL Benfica e SC Braga – neste último, representou ainda as equipas Sub-23 e B. Em 2021/2022 estreou-se pela equipa principal dos bracarenses, onde foi opção em 13 partidas e registou duas assistências.

Na temporada 2023/2024, o extremo português rumou a Espanha para representar o CD Castellón, a título de empréstimo. Cumprida a primeira metade da época, assinou em janeiro de 2024 pelo CD Mafra, em definitivo. Nesse primeiro ano, apontou três golos e fez uma assistência em 15 jogos. Já em 2024/2025, somou 29 partidas e marcou três golos.

Ao longo da sua carreira, Falé conquistou a Taça Revelação pelo SC Braga em 2022/2023, e representou os escalões de base da Seleção Nacional, tendo participado no Europeu Sub-19 em 2023.

A estreia de Miguel Falé ao serviço do FC Paços de Ferreira aconteceu na última jornada, diante do Vizela FC. O contrato que une o jogador e o clube pacense é válido até junho de 2028.

>> IURI MOREIRA



Vindo do Olympique de Marseille, Iuri Moreira chegou à Mata Real a custo zero e com um vínculo válido até junho de 2028. O passe do atleta é, contudo, partilhado com o emblema francês.

Iuri Moreira deu os primeiros passos no futebol no Sporting CP, mas mudou-se para o SL Benfica pouco tempo depois. Foi nas «Águias» que fez praticamente toda a sua formação, até à temporada 2022/2023 – ano em que representou as equipas Sub-19 e Sub-23.

Na época seguinte, em 2023/2024, o avançado português rumou a França e assinou pelo Olympique de Marseille. No primeiro ano, realizou 16 jogos e apontou cinco golos pela equipa B dos gauleses – que continuou a representar nas épocas seguintes, até à sua mudança para a Capital do Móvel.

No início de janeiro, Costinha deixou a Mata Real, depois de FC Paços de Ferreira e CA Petro de Luanda, do principal escalão de futebol de Angola, acordarem a sua transferência a título definitivo. O emblema pacense receberá uma percentagem do valor de uma futura venda do passe do atleta.

A ligação do extremo de 24 anos com o Paços teve início em agosto de 2023, depois de passagens pela Académica OAF e pelo SC Braga B. A sua estreia com a camisola dos «Castores» foi na segunda jornada da Liga Portugal 2 2023/2024, diante do CD Mafra. Desde então, ao longo das duas épocas e meia na Capital do Móvel, Costinha completou 82 jogos, tendo marcado dez golos e feito seis assistências.

<< COSTINHA



“ESTA É UMA FASE PARA EVOLUIRMOS TODOS”

JOÃO FERREIRA



A equipa sénior de futebol feminino do FC Paços de Ferreira alcançou um marco importante em janeiro, ao carimbar a passagem à Fase de Subida à III Divisão Nacional. O conjunto pacense conquistou 25 dos 30 pontos possíveis, sendo o melhor segundo classificado de todas as séries. João Ferreira, o treinador, faz o balanço desse trabalho e antevê a fase que se segue – que, segundo o próprio, será trabalhada a pensar no futuro.

Confirmada que está a presença na Fase de Subida, o que dizer sobre esta conquista?

No início da época, diria que não era expectável. Mas fomos jogo a jogo, vitória a vitória, e nós, equipa técnica, começamos a ver que, provavelmente, havia ali a hipótese de conseguirmos o segundo lugar.

O primeiro seria mais difícil, mas o segundo podia ser possível e fomos atrás dele. Falamos com as jogadoras, dissemos que esse passava a ser um dos objetivos – sem pôr muita pressão – e correu bem. Fizemos o nosso trabalho, estamos na Fase de Subida, e agora vamos continuar a crescer.

De que forma é que as jogadoras receberam essa informação a meio do campeonato?

Receberam bastante bem. Senti que foi algo que lhes deu mais motivação e um novo propósito para a época. Não senti que tenham ficado nervosas, na altura – isso senti só nos dois últimos jogos [FC Penafiel e Nogueirense FC], quando tudo se iadeceidir. Nesses jogos, nos intervalos, havia ansiedade, nervosismo, mas também porque este é um plantel demasiado jovem. É um plantel sénior com uma média de idades de 18 anos.

O jogo com o Penafiel na penúltima jornada – uma luta pelo primeiro lugar – foi o maior desafio da primeira fase?

No início desse jogo percebi que estavam nervosas, e elas próprias admitiram -no. Mas nada do outro mundo, pensei. Contudo estava a ser um jogo difícil, em que tínhamos menos bola e estávamos por baixo, e nunca as vi tão ansiosas no balneário. O intervalo serviu para lhes passar confiança e tranquilidade – “Vamos atrás do objetivo, mas se, por acaso, não acontecer, não há problema”. Queríamos que relaxassem um bocadinho, e acho que a mensagem foi bem passada. Saíram do intervalo mais tranquilas, e a segunda parte foi bastante positiva nesse sentido.

Com o Nogueirense, a seguir, foi semelhante?

O empate chegava, mas queríamos a vitória – e encaramos esse jogo para ganhar desde o início. Estavam um bocadinho nervosas por ser o último jogo, pois, se perdêssemos, perdíamos o segundo lugar e a Fase de Subida, mas assim que soou o apito inicial tudo foi ao sítio. Marcamos cedo também, logo aos 11 mins, e isso ajudou a tranquilizar.

Esta é uma equipa bastante jovem, como referido. Como é este grupo?

A questão da média de idades deve ser uma das partes mais desafiantes. Acredito que seria importante ter duas ou três peças mais experientes para equilibrar mais o grupo nos treinos, no balneário, nos jogos... Fazendo uma comparação, a nossa média é de 18,04 anos, das mais baixas do campeonato, no entanto, este é um grupo com muita qualidade e com uma grande margem de progressão. O maior desafio é

mesmo fazer crescer e amadurecer a equipa com exigência, e, ao mesmo tempo, tentar que as jogadoras se divirtam e gostem do que estão a fazer. Resumindo, a média de idades baixa tem um lado negativo, mas tem também um lado positivo incrível, porque daqui a dois ou três anos, se conseguirmos manter este grupo na sua maioria, temos um sério candidato a subir de divisão.

É preciso estabelecer um equilíbrio entre os resultados e a evolução das jogadoras. Que avaliação fazes dessa evolução?

É certo que temos de ter em atenção os resultados, porque é disso que vive o futebol. Mas sendo elas tão novas, é preciso também continuar a desenvolvê-las para o futebol – a mentalidade, o trabalho, a qualidade técnica. Temos de trabalhar no sentido de daqui a três ou quatro anos pensarmos, sim, apenas nos resultados. Neste momento, é um equilíbrio entre potenciar jogadoras e conseguir resultados através da nossa forma de jogar, da nossa identidade. Cheguei ao clube no início da temporada, e atualmente consigo ver as dinâmicas que quis implementar. Vê-se um futebol mais similar com aquilo que eu quero e que o clube pretende, e elas estão mais habituadas à minha forma de jogar, ao meu discurso, ao meu feedback... Isso torna tudo mais simples, e a equipa vai crescendo.

E muitas delas começaram a jogar futebol há pouco tempo.

Muitas delas não têm a base da formação, que é muito importante. Aquela fase dos seis aos 13 anos faz muita diferença na relação com a bola e na própria forma de pensar o jogo. Elas acabam por ter um trabalho mais tardio, mas a verdade é que tem dado resultados e têm tido sucesso. Estou bastante feliz com todas elas.



O Paços começou a “construir” o futebol feminino da base para o topo. Como é a relação com os outros escalões?

Aqui no Paços temos algo muito bom. Os escalões de formação são algo sólido que permite crescer a médio/longo prazo. Temos sempre jogadoras a chegar, a subir de escalão, algo sustentável. Mas também sabemos que atualmente, mesmo na quarta divisão, já existem algumas equipas a pagar às atletas. Acredito que todas terão de começar a investir para crescer, dependendo depois dos interesses de cada clube. Neste momento, a nossa ligação é mais próxima com a equipa Sub-17, pois são aquelas que também competem em Sub-19 juntamente com a nossa equipa, e que para o ano poderão ser chamadas às seniores. Treinamos à mesma hora, então há desde logo uma ligação entre todos – já com esse intuito de dar o passo seguinte na próxima época. Tentamos, assim, preparar a transição, para estarmos cada vez mais fortes.

Como está a equipa a encarar esta nova fase?

Esta é uma fase para evoluirmos todos. É uma excelente forma de nos prepararmos para aquilo que queremos alcançar no futuro. Vamos jogar contra equipas mais fortes, o que é bom para ganhar experiência, maturidade, ritmo de jogo, intensidade, agressividade. Neste momento, o mais importante para a nossa equipa são essas experiências com jogos complicados em que temos menos bola; jogos com espírito de sacrifício, mais intensos, mais físicos. O objetivo é fazermos o nosso jogo, jornada após jornada. Se as coisas correrem bem, como aconteceu na primeira fase, o objetivo muda. Mas por enquanto o mais realista é encararmos isto para ganhar experiência e fazer o melhor em todas as partidas. Acredito que nesta fase não vamos assumir tanto os jogos como na primeira. Vai haver mais organização defensiva, mais duelos, mais parte física, mais sofrimento; e vamos aliar isso com o tentar assumir um bocadinho o jogo, pois é isso que nos fará crescer.

Que mensagem gostaria de deixar aos adeptos?

Continuem a apoiar a equipa com feedback motivacional, uma vez que ter a bancada a incentivar as jogadoras é essencial. Que se unam fora de campo, que se divirtam tanto como nós, e que continuem a acompanhar, pois vamos fazer o nosso melhor.

**ESTA É UMA FASE PARA
EVOLUIRMOS TODOS.
É UMA EXCELENTE FORMA
DE NOS PREPARARMOS PARA
AQUILO QUE QUEREMOS
ALCANÇAR NO FUTURO.**

JOÃO FERREIRA



FUTSAL: LUCAS GOMES REFORÇA A EQUIPA SÉNIOR

O FC Paços de Ferreira dreamcouch Futsal garantiu a contratação de Lucas Gomes, que vai reforçar a equipa sénior na segunda volta do campeonato. O jovem ala de 20 anos regressa, assim, a uma casa que bem conhece e onde fez parte da formação. Depois de ter dado os primeiros passos na modalidade ao serviço do FC Tirsense, Lucas passou a representar a equipa de Iniciados do futsal pacense em 2019/2020. Foram três anos ao serviço dos «Castores», até à mudança para o SC Braga na temporada 2022/2023. Nessa época, Lucas Gomes fez 26 jogos e 16 golos pelos Sub-19 bracaraenses, e estreou-se pela equipa principal na Liga Placard.

Após o fim da ligação com o SC Braga, Lucas assinou pela ADC São Mateus no início da presente temporada – clube que, tal como o Paços, disputa a Série A do Campeonato Nacional da III Divisão de Futsal. Até rumar à Capital do Móvel fez 12 jogos e marcou três golos.

“É sempre bom voltar a uma casa onde já fui feliz. Encaro este projeto de uma forma bastante positiva, feliz, e sempre com o foco naquilo que posso vir a fazer por este clube. As pessoas confiaram em mim desde o primeiro dia e o projeto também me agradou bastante, o que me levou a aceitar logo este desafio”, disse Lucas na chegada a Paços de Ferreira.



Lucas Gomes, que continuou a acompanhar o emblema pacense mesmo após a saída, vai agora reencontrar alguns colegas com quem jogou na sua primeira passagem pelo clube. “Conheço a equipa de perto, tenho amigos que agora estão a jogar na equipa principal, e fui vendo os jogos. É muito bom ver o quão unido é o grupo e sinto que vou ser feliz”, acrescentou. Aos adeptos, o novo ala deixou ainda uma mensagem: “Esperem entrega máxima, tanto nos treinos como nos jogos. Vou dar sempre o melhor de mim”.

FORMAÇÃO: SUB- 15 ENTRE AS DEZ MELHORES EQUIPAS



A equipa Sub-15 A do FC Paços de Ferreira é uma das dez que vai disputar o Apuramento de Campeão do Campeonato Nacional da I Divisão de Juniores C. No último fim de semana, a 17 de janeiro, os jovens «Castores» receberam e venceram por uma bola a zero o Rio Ave FC, na última jornada da primeira fase da prova. Gonçalo Oliveira foi o autor do golo.

O conjunto pacense ficou na quinta posição com 26 pontos (mais três do que o sexto classificado), depois de sete vitórias, cinco empates e seis derrotas, com 22 golos marcados e 21 sofridos.

Nesta segunda fase do campeonato que vai decidir quem é o campeão nacional de Juniores C, o conjunto orientado pelo mister Pedro João vai defrontar FC Porto, Sporting CP, SC Braga, SL Benfica, Vitória SC, CF “Os Belenenses”, GD Estoril Praia, CD Tondela e FC Alverca.

MATA REAL VOLTA A RECEBER SELEÇÃO NACIONAL FEMININA

A qualificação para o Campeonato do Mundo Feminino de 2027 passa pela Capital do Móvel. No dia 3 de março, as «Navegadoras» recebem a Finlândia na Mata Real, dando início ao seu percurso no Grupo 3 da Liga B.

Esta fase de qualificação que se estende até junho de 2026 não define apenas o apuramento para o Mundial de 2027 que se vai realizar no Brasil, mas também quem sobe à Liga A – a divisão de elite do futebol feminino europeu. Para o regresso de Portugal à Liga A, a Equipa das Quinas terá de terminar na liderança do seu Grupo 3 da Liga B.

De recordar que a Seleção Nacional Feminina também jogou em Paços de Ferreira uma importante eliminatória para o Mundial de 2023 – foi a 11 de outubro de 2022, tendo vencido a Islândia por 4-1.



UMA PARCERIA COM RAÍZES, MEMÓRIA E FUTURO

A presença da Divercol no FC Paços de Ferreira é longa – uma relação próxima, franca e de grande valor sentimental. Para os Pacenses, acreditamos que seja difícil não associar a marca ao clube, habitualmente em grande destaque nas costas das camisolas dos atletas que vão a jogo para defender o amarelo. Eis a história de um grupo que encontrou na Mata Real o parceiro certo para crescer, destacar-se, tornando-se um apoio seguro e com foco no futuro.



RODRIGO PEDROSA FRANCISCO

Fundador da Divercol

“A Divercol resulta da história de vida de um senhor, de seu nome Rodrigo Pedrosa Francisco, que veio de Angola em 1975”, ouvimos. Poderia ser o começo de um qualquer conto – e não deixa mesmo de o ser; uma história de trabalho, superação e constante inovação, de um senhor que, “por vicissitudes da vida, acabou por vir ter a Paços de Ferreira e criar uma empresa que se dedicava ao fabrico de colas para a indústria do mobiliário, porque, na época, tinha um familiar que era engenheiro químico”. “Tudo começa assim, numa antiga tamancaria em Freamunde”, quem nos conta o conto é Sérgio Ferreira, atual Diretor Financeiro da empresa.

O processo artesanal de produção de colas para a indústria de mobiliário “corre mal, porque as resinas que lhe vendiam não eram para colas, mas sim mais utilizadas nos vernizes ou diluentes”. Mas nada que tenha atrapalhado a determinação do Sr. Rodrigo. O foco voltou-se, então, para os vernizes. “O nome ‘Divercol’ é a combinação de ‘diluentes’, ‘vernizes’ e ‘colas’”, explica Sérgio. À medida que a indústria de mobiliário foi crescendo e a Capital do Móvel foi ganhando projeção, a Divercol acompanhou: “O facto de, no fundo, vestir os móveis fez com que fosse crescendo também, sendo hoje uma história de sucesso”.

Depois do mobiliário, a empresa cresceu para a área das tintas. Entra na habitação. E é nesta altura que entra também no FC Paços de Ferreira. “O patrocínio surge já nos anos 90, porque o Sr. Rodrigo, depois de ter apostado nas tintas, queria crescer no ramo da bricolage. Por isso, para ganhar notoriedade a nível nacional e implementar-se numa grande cadeia como o Bricomarché, apostou no futebol como um veículo para projetar a marca”, revela. Com o Paços a disputar a primeira divisão, esta foi a montra perfeita. O objetivo do Sr. Rodrigo foi conseguido e, atualmente, a Divercol “é a marca mais vendida na área das tintas, no Bricomarché”. A ligação com o FC Paços de Ferreira dura desde então. Passou por um curto interregno com a chegada ao clube de uma oferta superior de outra empresa, mas voltou em 2009, seguindo de forma ininterrupta.

Com tantos anos de presença nos equipamentos do FC Paços de Ferreira, a Divercol é já uma marca que muitos identificam como “sendo do Paços”: “Muitas vezes, em conversas com clientes ou possíveis clientes, surge a conversa do futebol. O que é certo é que foi através do futebol que a marca ganhou notoriedade; é um veículo que nos permite crescer comercialmente em determinadas áreas de negócio e zonas do país pela sua brutal exposição”. Ambas as instituições tiram os devidos frutos desta relação que se tornou praticamente familiar. “A Divercol encara isto efetivamente como um elemento identificativo da marca. Percebemos que fazemos parte da história, e vamos continuar a fazer. O Paços é o clube representativo da terra; é o clube da nossa região, e mantemos esta participação porque o queremos mesmo fazer.

O Paços identifica-se connosco na forma de ser, de estar, de pensar. É um clube com tradição de trabalho, de cumprimento, e isso também nos identifica enquanto marca. Portanto é importante para nós estarmos associados aquela que é a entidade principal do nosso concelho”, salienta o Diretor Financeiro.

Uma parceria que surgiu no passado, está de pedra e cal no presente e tem olhos postos no futuro. Futuro esse que se quer – e se acredita que será – risonho; um futuro que levará o clube a reviver páginas grandiosas de outras temporadas. Para isso, todos contam: “Costumo dizer que ser parceiro só nos momentos altos é fácil, mas não significa que traga aportes, que se criem ligações, valor. Acredito que o Paços tem condições de, mais dia menos dia, dar a volta por cima – e todos nós, incluindo a Divercol, vamos tirar coisas boas disso. E como isso é possível, estamos cá para lá chegarmos. O Paços vai voltar a fazer connosco trilhos de mais notoriedade, sucesso e prosperidade”.



ÚLTIMOS JOGOS

MÉDIA DE ESPECTADORES

2071 

6º Lugar

CLASSIFICAÇÃO

16º LUGAR

19 Pontos

Jornada 16



FC PAÇOS DE FERREIRA X SC FARENSE

MELHORES MARCADORES

JOÃO VICTOR

3 Golos



NUNO CUNHA

3 Golos



Jornada 17

Marcadores:

Nuno Cunha e João Pinto



Jornada 18



PRÓXIMOS JOGOS



X



UD LEIRIA

Horário a Definir



X



SPORTING CP B

Horário por Definir



PAÇOPRINT
artes gráficas

PaçoPrint
A sua marca gráfica

